

Capella-mór da egreja do convento de Christo, em Thomar

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 342)

XIII

EGREJA DOS TEMPLARIOS E EGREJA DO CONVENTO DE CHRISTO

Subindo as escadas do adro fica a egreja do lado direito, e as obras incompletas da nova casa do capitulo do lado esquerdo. A parede do fundo faz costas ao magnifico claustro chamado *dos Filippes*. O adro é todo lageado, e guarnecido de balaustrada de uma e outra parte da escada que lhe dá accesso.

Compõe-se a egreja de dois corpos, tão distinctos pela architectura e pelas recordações historicas, que se podem considerar como dois monumentos, representantes de eras mui distantes entre si, mas intimamente ligados. São estes dois corpos a capella-mór e o restante da egreja: aquella, obra dos templarios; este, fundação da ordem de Christo, sob a administração del-rei D. Manuel.

Não é preciso ser entendido em materias de arte para se reconhecer, ao primeiro aspecto d'estes dois monumentos, que mediaram alguns seculos entre a construcção de um e outro. O primeiro foi obra, segundo parece, do mestre D. Gualdim Paes, pelos annos de 1162, para servir de templo da ordem. É um edificio mui alto, de fórma octogonal, todo construido de cantaria, com algumas janellas, coroado de ameias, mas completamente nu de outro qualquer ornamento. Exteriormente não tem porta alguma, pois que os templarios o edificaram unicamente para as suas praticas religiosas, e não para as devoções do povo. Assim, o aspecto exterior seria exactamente o de um castello, se os cavalleiros de Christo, quando a reforma del-rei D. João III os reduziu a freires conventuaes, não tivessem mandado construir sobre duas faces d'aquelle octogono uma torre de sinos.

Em perfeito contraste com esta rude singeleza, ergue-se o corpo da egreja, ataviado com todo o luxo da ornamentação gothico-florida.

El-rei D. Manuel, parecendo-lhe a egreja dos templarios pequena e pobre para uma ordem, como a de Christo, tão rica e poderosa, tão auctorisada e esclarecida, resolveu accrescental-a e decoral-a esplendidamente. Da egreja antiga fez capella-mór da nova, abrindo-lhe, na parede voltada contra o occidente, um grande arco, e construindo em seguida o corpo da egreja.

Externamente deixou o velho templo com a sua simplicidade primitiva, reservando para o novo edificio todas as galas da architectura e da esculptura.

O corpo da egreja é, com effeito, na sua fabrica

exterior, uma das obras mais sumptuosas que construiu el-rei D. Manuel. Tem este edificio tres fachadas: uma, que é a principal, está voltada para o sul, e n'ella, junto á antiga egreja dos templarios, agora capella-mór, abre-se o portal da entrada; a segunda olha para o oéste e deita para o claustro de Santa Barbara; a terceira corre pelo lado do norte.

O portal, a que dão ingresso alguns degraus de pedra, fica debaixo de um elevado arco, de volta redonda, guarnecido de uma renda delicada. O espaço entre a porta e a volta do dito arco é adornado com diversidade de relevos e com varias estatuas de santos sobre peanhas, avultando acima de todas a estatua da Virgem, a quem o templo é consagrado sob a invocação de Santa Maria do Olival. A gravura a pag. 1, copiada de uma photographia, representa com muita exactidão este bello portal.

Os gigantes ou botaréos, em que rematam as fachadas para o lado de oéste, são decorados com estatuas de santos sobre peanhas, postas em meio de graciosas molduras de fructos e folhas em alto relevo. Duas d'essas estatuas representam, se a memoria nos não falha, el-rei D. Diniz, instituidor da ordem, e el-rei D. Manuel, fundador do edificio. A primeira apoia-se em um escudo, no qual se vê a cruz da ordem de Christo. A segunda tambem descança a mão sobre um escudo, em que avulta a esphera armillar, divisa del-rei D. Manuel. Os mesmos botaréos, continuando a subir enfeitados com festões de folhagem, terminam em esbeltas pyramides, lavradas com variados desenhos, e mostrando no remate a cruz de Christo. Os gigantes que dividem as janellas são menos ornados e sobem a menor altura, todavia apresentam diversidade de lavores. O oculo e as janellas que dão luz á egreja ostentam egual riqueza de esculptura. Abre-se o oculo na frente de oéste, em correspondencia com a capella-mór, e exactamente por cima da formosa janella da casa do capitulo, pois que o corpo da egreja foi edificado sobre esta casa. As janellas são mui grandes, e formadas de diversos arcos ogivaes, ou de ponto subido, que vão diminuindo no grosso da parede, todos esculpturados em alto e vasado relevo. Coroa-se, em fim, este edificio com uma larga e mui delicada renda, composta na parte inferior de espheras armillares, divisa do fundador, e na parte superior de cruzes da ordem de Christo. A gravura a pag. 313 mostra esta parte do edificio, que deixâmos descripta em largos traços. N'essa gravura vê-se o remate da janella da casa do capitulo, de que acima fallámos, e que apparece cortada pelo terrado superior de um dos lanços do claustro dos Filippes, que vae correndo contiguo á frontaria principal do corpo da egreja, cuja parte inferior occultou até ao adro do templo.

O exterior do edificio está em bom estado, tendo apenas partidas algumas das pyramides dos botaréos e varias cruzes.

Não corresponde o interior do corpo da egreja á magnificencia do exterior. Por dentro reina a maior simplicidade que é possivel, sem que se possa dizer alliada com a elegancia. Logo na primeira observação se conhece que o architecto, Ayres do Quintal, viu-se obrigado a subordinar o seu engenho, na delineação da planta, a condições que lhe punham péas. Entretanto, esta circunstancia não o desculpa de assim deixar aquelle interior tão nu de ornatos, que o seu melhor adorno consiste na abobada de laçaria de pedra.

El-rei D. Manuel compensou-o, de algum modo, d'esta pobreza, guarnecendo-lhe o côro com ricas e formosissimas cadeiras de talha, feitas pelo insigne esculptor mestre Olivel de Gand, que el-rei D. Manuel encarregou d'este trabalho com a obrigação de o concluir em tres annos. Era uma das obras de arte de maior primor que o paiz possuia n'este genero. Infelizmente, d'ella não resta nem sequer vestigios. Tudo foi destruido pelos francezes, como dissemos a pag. 331. Assim tambem levaram descaminho outras obras de arte de singular perfeição e excellencia que davam nomeada ao convento de Christo. Eram os livros do côro, escriptos á penna e primorosamente illuminados por Francisco de Hollanda, natural de Lisboa, e filho de Antonio de Hollanda, de nação flamenga, que veiu a Portugal como pintor.

Do corpo da egreja passa-se á capella-mór por um arco ogival, de pouca elevação e desengraçadissimo. Este arco, com a sua teia de pau santo, vê-se na gravura a pag. 345, que representa o interior da capella-mór, e que é cópia de um desenho original de Barbosa Lima.

Esta capella-mór era, como fica dito, a antiga egreja dos templarios. A excepção d'aquelle arco e de algumas outras modificações pouco importantes, conserva a sua fórma geral primitiva; não assim a singeleza da architectura, feição caracteristica d'essa epocha remotissima da nossa historia; essa perdeu-a inteiramente ao aceno del-rei D. Manuel, que, ao mesmo tempo que levantava o corpo da egreja, adornava o antigo sanctuario dos templarios com estatuas de pedra, com paineis a oleo, e com esculpturas e pinturas resplandecentes de oiro. Porém, não obstante esta reforma, que, se por um lado deu graça e belleza ao edificio, por outro lado lhe adulterou o seu estilo architectonico, é um monumento precioso para a historia da architectura em Portugal, pois que pertence a uma epocha da qual possuimos poucos exemplares, e d'estes só aquelle, talvez, em circunstancias de nos dar uma idéa perfeita do estado da architectura no reinado do nosso primeiro rei.

As sés e algumas egrejas mais principaes que se construiram no principio da monarchia, tinham em volta da capella-mór ou do altar-mór a charola, usada nos templos christãos do Oriente, d'onde nos veiu essa pratica. Porém, se não fôra a egreja dos templarios em Thomar, apenas teriamos d'isso conhecimento pela tradição, e pelos vestigios que restam na sé de Lisboa e na egreja do mosteiro de Alcobaça, ambas fundadas por el-rei D. Affonso Henriques. Em quanto que as reconstrucções alteraram, mais ou menos, a fórma primitiva d'estes dois templos, e de outros mais, construidos no mesmo periodo, o de Thomar tem conservado intacta até hoje essa vetusta feição.

A egreja de D. Gualdim Paes, tal qual perseverou durante a existencia da ordem, constava sómente de uma capella octogonal, collocada no centro da charola, egualmente de fórma octogona. Além d'esta capella não tinha outra, nem altar junto das paredes da charola. N'estas apenas se abriam algumas poucas janellas e uma porta, que dava para o interior do convento, e era a unica serventia dos cavalleiros para a egreja. As primeiras alterações que ahi se fizeram foi, segundo cremos, depois da extincção da ordem do Templo. O infante D. Henrique edificou a sacristia e o côro, e a ambos communicou com a egreja, abrindo duas portas em dois octogonos da charola. Em alguns dos outros construiram-se posteriormente varias capellas com retabulos de pintura a oleo. El-rei D. Manuel decorou as paredes da charola com grandes paineis, e com estatuas sobre columnas e debaixo de baldaquinos vasados. Na abobada da mesma charola fez pintar, em meio de grandes medalhões, as armas reaes alternadas com a cruz de Christo. Mandou guarnecer exterior e interiormente de silvados, arabescos e muita mais diversidade de esculpturas, em madeira doirada, toda a capella central, que é de cantaria. O arco que dá communicação para o corpo da egreja foi adornado com pinturas doiradas.

A gravura que vae no rosto d'este numero dispensa-nos, certamente, de entrar em miudezas de descri-

pção. Diremos, todavia, que esta capella é formada por oito arcos, que sustentam um corpo superior, em que se vêem outras tantas janellas, e sobre o qual vem apoiar-se a abobada da charola. No meio dos oito arcos ergue-se o alta-mór. A abobada que o cobre tem a mesma elevação da da charola. Diremos, em fim, que esta fabrica, no estilo byzantino, simillhando uma construcção oriental, quer na architectura, quer na ornamentação, tem muita originalidade e belleza.

Os retabulos das capellas e a maior parte dos quadros que guarneciam as paredes são attribuidos ao Grão-Vasco e á sua eschola. Alguns foram destruidos ou desencaminhados por occasião da entrada dos francezes em Thomar no anno de 1810. Todos os outros, ou quasi todos, em numero de 22, foram transportados para o deposito da academia real das bellas artes, logo depois da extincção das ordens religiosas em 1834. Este acontecimento deixou a egreja e convento de Christo no mais completo abandono; ao que se seguiram deploraveis devastações. Ficando abertas de par em par, noite e dia, as portas do templo e do convento, entrava alli quem queria e apropriava-se do que mais lhe agradava. Assim offereceu este edificio, por alguns annos, á contemplação dos estranhos um dos mais tristes espectaculos provenientes das nossas revoluções.

Quando o sr. conde de Thomar fez acquisição de uma parte do edificio do extincto convento, em 1843, ainda aquelle venerando monumento se achava entregue ao mesmo abandono e vergonhosamente exposto á mesma devastação. Foi, portanto, por sua ordem, na qualidade de ministro do reino, que se fecharam as portas d'elle; que se vedou a entrada franca no seu recinto; que se concertaram as vidraças da egreja e se obstou á introducção da agua das chuvas. Desde então conservou-se a egreja em bom estado de limpeza. A instancias do sr. conde de Thomar foram restituidos ao seu antigo logar alguns dos paineis da egreja, proseguindo ainda ao presente nas diligencias de obter da academia real das bellas artes os que alli se guardam pertencentes ao dito templo. Quem prezar os nossos monumentos deve fazer votos, sem duvida, para que essas diligencias sejam coroadas de feliz resultado.

A sacristia é pequena e nada offerece digno de menção. Outr'ora continha vasos sagrados, reliquias santas, e alfaias de grande apreço e valor. Porém todas essas preciosidades tiveram a mesma sorte dos ornatos moveis do templo. Entre os objectos preciosos que alli se guardavam achava-se uma cruz de oiro, sobre uma peanha de filigrana guarnecida de pedras preciosas. Esta cruz foi feita, juntamente com a custodia de Belem, do primeiro oiro que veiu do Oriente, e doada ao convento de Christo por el-rei D. Manuel. Desappareceu esta peça valiosissima por occasião da invasão franceza em 1810, ou quando se extinguiram as ordens religiosas em 1834.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A INFANTA D. BEATRIZ, DUQUEZA DE SABOYA

(Vid. pag. 337)

III

Mas se as provas abundam para demonstrarem a existencia d'esse amor como inspiração mysteriosa que guiou a penna de Bernardim Ribeiro, e que concorreu para dar ao seu estilo um colorido tão sympathico, tambem não escasseiam os documentos para nos confirmarem na opinião de que Bernardim, longe de ser um namorado eremita, unicamente entregue a seus amores e saudades, foi homem que se arrojou ao turbilhão social, tão revoluteador n'esse tempo, que cingiu a espada, que teve commandos importantes, e em fim, para cumulo de desventuras, que foi casado com uma sr.ª D. Maria de Vilhena, a qual, morrendo cedo, lhe deixou uma filha. Claro está que não podémos tomar ao pé da letra os desesperos amorosos do poeta, e que o devemos considerar, se não como consolado da separação, pelo menos como resignado a ella.

Mas esta parte da sua biographia deve tambem destruir completamente o gracioso romance dos seus amores? Não o creio. A vida do sonho póde existir ao lado da existencia activa, e os portuguezes d'essa epocha, se nas doces horas do crepusculo acariciavam os melancolicos devaneios e descantavam saudades no alaúde, não se effeminavam nos extasis, e sabiam procurar rudes consolações no turbilhão das batalhas ou na distracção formidavel das luctas com o Oceano.

E seria amado Bernardim? Eis a questão que mais directamente nos interessa. Partindo para as terras abençoadas da Italia, Beatriz mirou ao menos alguns instantes com os olhos arrazados d'agua, da pópa do galeão, o palacio que se ia esvaindo no horisonte, e em cujas salas passára doces horas ouvindo as trovas namoradas do seu poeta?

Quem póde perscrutar os mysterios de um coração feminino? quem póde adivinhar as dores secretas que a purpura abafa? quem póde saber em quantas lagrimas se desfia perola a perola a grinalda dos primeiros sonhos, em quanto essas pobres princezas, casadas por intermedio de embaixadores, apertam na fronte limpida a coroa de diamantes, que primeiro lhes é coroa de espinhos, mas cuja irradiação ardente a final lhes enxuga os prantos e lhes accende nos labios o sorriso do orgulho satisfeito?

Mas para que bem comprehendamos as relações que podiam ter existido entre Bernardim Ribeiro e D. Beatriz é necessario que nos identifiquemos com o espirito d'essas epochas, e não queiramos transportar para as cortes do seculo XVI a sensibilidade enfermiça de Saint-Preux ou a paixão desordenada de Werther.

Entre poetas e princezas havia então constantemente esse commercio risonho de galanteios, cujos habitos haviam sido legados á Europa pelas tradições cavalheirescas dos trovadores provençaes. Era entre as damas de alta gerarchia que os trovadores mais humildes procuravam as inspiradoras que lhes deviam fazer vibrar as cordas do alaúde, e ellas, longe de se irritarem, ufanavam-se de tal gloria, e pagavam com um sorriso as férvidas canções. Assim vemos Thibaut, conde de Champagne, dizer-se morto de amores pela rainha Branca, mãe de S. Luiz, sem que o bafejo d'esse amor ardente mas respeitoso anuvie aos olhos da posteridade o diadema de virtudes que cinge a fronte da austera castelhana; Sordello suspirava pela esposa do conde de S. Bonifacio, senhor de Mantua; Peyrols, pobre trovador do Auvergne, dedicava os seus namorados versos á irmã do soberano d'esse paiz; Bertrand de Born, simples fidalgo, cavalleiro audacioso e inspirado trovador, declarava-se rendido aos encantos da princeza Helena de Inglaterra. Não acabariamos se quizessemos citar os nomes de quantos trovadores procuraram e encontraram as suas musas nos thronos ou nos castellos dos senhores feudaes. A luz radiante da soberania namorava essas doidas borboletas, que volitavam em torno d'ella em graciosos giros, e muitas vezes, de certo, tanto se aproximariam que chegassem a crestar as azas. Não é bom *jugar con fuego*, dizem os nossos visinhos hespanhoes.

Essas tradições conservaram-se, e, á medida que a invasão pagã da renascença ia inoculando o culto do prazer e da formosura no sangue pallido da meia edade ascetica, esses amores entre poetas e soberanas iam tomando muitas vezes um caracter mais profano. Os amores de Boccacio com a princeza Maria de Napoles

estiveram longe de ter o caracter platonico dos amores do conde Thibaut; e, quando sabemos que o poeta Bembo, depois cardeal, teve as boas graças de Lucrecia Borgia, basta o nome da mulher amada para nos levar para muito longe da esphera purissima onde Petrarcha suspirava pela sua formosa Laura. Mas, em todo o caso, amores ideaes ou amores profanos, sempre os devemos considerar como suaves e frageis laços que faziam durante um momento o encanto dos espiritos cultivados que se prendiam n'essa cadeia de rosas, mas que estavam muito longe de lançar uma perturbação profunda na existencia d'esses poeticos namorados.

A galanteria, repetimol-o, era a essencia das cortes d'essa epocha, era o perfume que ardia em cassoletas de oiro diante das mulheres gentis que faziam dos solios altares pagãos, onde eram adoradas como divindades da renascida Grecia. Tal perfume rescendia mais fino e mais delicioso nos labios em que as abelhas da poesia vinham poisar os seus favos de mel; por isso eram os poetas escutados com tanta indulgencia pelas princezas nos palacios d'onde a severidade fôra banida, onde a elegancia era a principal religião, e onde se lia de preferencia, aos bacamartes theologicos, o *Cortegiano* de Balthazar Castiglione, esse admiravel codigo do bom tom no seculo XVI.

É debaixo d'esse ponto de vista que devemos encarar os amores de Bernardim e de Beatriz; se a formosura incontestavel da infanta accendeu no espirito do poeta paixão mais fervente do que a do simples galanteio á moda de Petrarcha; se as elegias de Bernardim espalharam no rosto da princeza mais profunda melancolia do que a que lhe era rigorosamente necessaria para realçar com uma ligeira nuvem o esplendor do olhar, mysterio é esse que os seculos escondem; mas de que devemos estar convencidos é de que o amor existiu, frivolo ou profundo, mas tambem de que esteve longe de ser uma paixão tempestuosa, como essas com que a tradição se comprouve em matizar a existencia dos poetas celebres, principalmente depois que Rousseau e Gœthe, e a final Chateaubriand e Sénancourt pozeram em voga uma sensibilidade exaltada que não estava nem nos habitos nem nas tendencias do seculo XVI.

Desçamos agora das nuvens á realidade; descoroemos a musa do seu diadema de estrellas, dispamos-lhe a tunica vaporosa, e vejamol-a, de semi-deusa tornada em princeza, arrastar na scena do mundo a purpura ducal, e cingir a fronte limpida e scismadora com o diadema de Saboya.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

MARI-SANTA

LENDA BISCAYNHA

(EXTRAHIDA DAS OBRAS DE D. ANTONIO DE TRUEBA)

I

O que vou contar passou-se ha mais de quatrocentos annos, ou antes quando S. Vicente Ferrer andava pelo mundo assombrando-o com a sua prégação e os seus milagres.

Mari-Santa era filha de um pobre marinheiro de Bilbáo, e devia a primeira parte do seu nome ao padre que a baptisára, e a segunda ao povo, que a tinha por santa. Se não era uma santa tal como a egreja quer que sejam as que colloca em seus altares, pouco lhe faltava, porque desde menina se dedicára á consolação dos afflictos.

Chorava um menino nas margens do Ibaizabal? Uma menina que brincava n'essas margens deixava apressadamente os seus brinquedos infantis para consolar o menino, que no mesmo instante trocava o seu pranto em riso, porque a palavra d'aquella menina tinha uma doçura que serenava todas as dores e dulcificava todas as afflicções.

Consumiam as chammas a pobre casa de um lavrador nas republicas de Abando, Begonha ou Deustua, e o lavrador e sua familia choravam sem consolação vendo-se de repente sem tecto com que abrigar-se nem pão que levar aos labios? Uma compassiva donzella apparecia no meio d'aquella desconsolada familia, e a sua doce e persuasiva voz infundia consolação, esperança e resignação áquelles infelizes.

Chorava uma piedosa mãe de familias a perda de seu marido ou de seu filho? A humilde filha do marinheiro corria para o seu lado e levava o conforto ao seu coração, só com o poder da sua palavra, dotada de um encanto e de uma doçura irresistiveis.

A que empregava assim a sua vida em consolar os afflictos era conhecida em todo o valle do Ibaizabal sob o nome de Mari-Santa.

II

O apostolo Vicente Ferrer, o segundo Paulo, o clarim do Evangelho, como lhe chama um dos seus biographos; o trovão da Europa, como, com mais razão no fundo que bom gosto na fórma, o qualifica Granda, historiador da basilica de Begonha, chegou ao valle do Ibaizabal assombrando com a sua eloquencia e as suas boas acções as tres provincias vasconças, como havia assombrado as restantes de Hespanha e muitas da Europa.

Vicente Ferrer prégava em valenciano na egreja de Santiago de Bilbáo, e comprehendia-o perfeitamente o povo, que quasi na sua totalidade não sabia outra lingua senão a vasconça, que então era quasi a unica que se fallava em Biscaya. Pela noite, convencido de que o ceo está mais proximo dos montes que das planicies, segundo diz uma cantiga vasconça, ia descançar das suas gloriosas fadigas em uma pobre casa situada na cordilheira que se estende entre Gangüren e Berriz, onde n'aquelles tempos se chamava Campo da Lide, e hoje se chama S. Domingos, porque o apostolo valenciano erigiu alli um templo, que tem subsistido até hoje, ao santo fundador da ordem dominicana, cujo habito vestia Vicente Ferrer.

Contaram-lhe em Bilbáo as piedosas acções em que Mari-Santa empregava a maior parte da sua vida, e n'aquella noite, ao chegar ao seu humilde asylo da montanha, ajoelhou, ergueu os olhos e o coração para o ceo, e pediu a Deus que se um dia enviasse alguma tribulação á donzella que se dedicava a consolar os afflictos, lhe enviasse tambem logo o conforto.

Apenas o servo de Deus fez tal súpplica, é de crer que o Senhor lhe annunciasse que a recebêra propicio.

III

Mari-Santa casou-se com um honrado mancebo que, como o pae de Mari-Santa, ganhava o sustento dedicando-se á marinha mercante, e um anno depois deu á luz um formoso menino.

Quando este menino completava tres annos, adoeceu de repente, e, apesar dos cuidados da terna e carinhosa mãe, sua alma voou ao ceo.

A dor de Mari-Santa, cujo marido se achava então ausente em uma longa navegação, não teve limites.

Todos procuravam consolar Mari-Santa; mas a que encontrava consolação para todas as dores, não a encontrava para a propria, por mais que lhe recordassem que seu filho estava já sentado entre os anjos e morrêra sem as dores physicas que commummente se experimentam no transito da vida temporal para a eterna.

Na collina de Mallona, subindo da villa ao sanctuario da Virgem de Begonha, existia por aquelles tempos uma ermida consagrada a Jesus Crucificado, e cada

vez que Mari-Santa por alli passava, prostrava-se aos pés de Jesus, exclamando:

— Louvado sejaes, Senhor, porque nunca deixastes descer a tribulação á minha alma!

Mas desde que perdêra o filho, a sua oração era esta:

— Senhor! por que me desamparastes?

Uma noite descia Mari-Santa de consolar os afflictos nas collinas de Begonha, e, segundo o costume, dobrou os joelhos ante o crucifixo de Mallona.

A noite era escura, muito escura, e o Ibaizabal rugia no fundo do valle, e o mar bramia ao longe, e as feras soltavam medonhos gritos nos declives de Archanda e Pagazarri, que então estavam cobertos de alto e espesso matto.

— Senhor! por que me desamparastes? exclamou Mari-Santa com dor mais profunda e mais triste desconsolação.

— Volta-te! respondeu uma voz que parecia saír dos labios do Crucificado.

Mari-Santa voltou-se, com effeito, para as lobregas vertentes do Pagazarri, e uma visão singular se lhe offereceu aos olhos: ao longe, muito ao longe, viu o cadaver de um mancebo sobre um patibulo, e junto d'este dois anciãos que choravam e procuravam tapar o rosto com as mãos para occultar a sua vergonha. O mancebo castigado parecia-se prodigiosamente com seu filho, e os anciãos pareciam-se prodigiosamente com ella e seu marido!

Mari-Santa comprehendeu, cheia de alegria e consolação, o significado d'aquella maravilhosa visão, e desde então nunca passou pela collina de Mallona sem exclamar ajoelhando aos pés do Crucificado:

— Louvado sejaes, Senhor, porque levastes para o vosso seio a meu filho, antes que podesse vir a ser indigno d'elle!



Amphitheatro de Tysdra

AMPHITHEATRO DE TYSDRA

As aguias romanas levaram a oppressão, é certo, a toda a parte por onde estenderam as suas azas. Mas em compensação das algemas com que encadeavam os povos vencidos ao carro dos seus triumphos, diffundiam na sua passagem, e alimentavam com zelo sob o seu dominio, as luzes d'aquella brilhante civilisação, cujo foco era Roma.

Não se limitavam os romanos a plantar nos paizes que iam conquistando as suas sábias instituições e os seus costumes civilisados; cuidavam tambem em os assimilhar ao solo da patria, dotando-os com os melhoramentos materiaes tendentes a desenvolver a sua prosperidade, e adornando-os com monumentos que attestassem o esplendor das artes e o poderio dos fundadores.

Todos os seus edificios tinham o cunho da grandeza, qualquer que fosse o logar em que os erigissem. Não só na Europa, mas na Asia e na Africa, fundaram cidades tão opulentas e monumentos tão soberbos, que os seus vestigios ainda hoje, ao cabo de tantos seculos, dão solemne testimunho da maravilhosa organisação social do povo romano, da força assombrosa da sua vontade, do poder admiravel da sua energia, e, em fim, do subido grau a que se elevou na cultura das bellas artes.

O amphitheatro representado em a nossa gravura abona, por certo, o que deixâmos dito. O seu vulto colossal, a solidez da sua construcção, a belleza e perfeição da sua architectura, faziam-n'o digno de servir de ornamento á propria Roma dos Cesares. E, todavia, foi erigido pelos romanos em uma cidade de Africa! Tysdra era o nome d'essa povoação que outr'ora se desvanecia de tão esplendido e magnifico monumento. Devia ser uma grande e formosa cidade, a julgar pela grandiosidade e formosura de simillhante padrão. Mas a tal ponto a destruiram os vandalos quando passaram á Africa, depois de terem assolado na Europa o desmoronado imperio romano; com tanta sanha foi continuada a obra dos vandalos pelos sarracenos, quando estes, a seu turno, se assenhorearam d'aquella parte da Africa, em que se estabeleceram, que a antiga Tysdra apenas conserva, como unica memoria da sua existencia, o famoso amphitheatro, embora arruinado.

A melhor parte dos despojos da cidade, destruida pelo facho da guerra, foi servir de materiaes, como succedeu aos de Carthago, para a edificação da cidade de Tunes. Dos restantes construiram os moiros, a pouca distancia do amphitheatro, a aldeia de *El Gemmêh*. Esta aldeia, pertencente aos estados do bey de Tunes, está situada a oéste da capital e perto da costa do Mediterraneo.

DE VILHENA BARBOSA.

O PARADOXO DA REHABILITAÇÃO DE TIBERIO

«Não me atrevêra a dizer tanto, se não fôra maior a prova que o dito.»
Vieira.

Em presença do que lêra nos *Annaes* de Tacito, havia eu formado o meu juizo ácerca do imperador romano Tiberio, e, de accordo com o sentimento geral, tinha este personagem na conta de um tyranno execrando, que manchou o throno dos Cesares com detestaveis exemplos de dissimulação, de refalsada politica, de caracter vingativo, e de tendencias crueis e sanguinarias.

Eis-aqui as convicções que eu adquirira, fornecidas pelo grande historiador Tacito, e não contrariadas por escriptor algum da antiguidade [1].

Foi Tiberio sempre tão propenso para a severidade, que ainda nas proprias acções boas mostrava seu ruim coração.

Não amava as grandes virtudes nem os grandes vicios; mas abominava os homens bons, porque os tinha por inimigos, e os maus, para não ser mal havido no publico.

Na sua boca, as expressões eram apparentes e insidiosas; e quanto mais trabalhava por enfeital-as com as côres brilhantes da liberdade, tanto mais apressado corria a pôr em pratica uma pesada escravidão.

Diante d'elle era necessario medir as palavras com a maior cautela, porque tanto temia a liberdade como aborrecia a adulação.

Foi sempre a sua politica mascarar todas as atrocidades de sua invenção com as praticas e fórmas antigas.

Revolvia sempre no coração as iras de longa data, de sorte que, ainda quando estava já diminuido o impeto da offensa, conservava bem fresca a memoria.

Quando Tiberio meditava fazer mal, o seu discurso era tardo e tenebroso; e quando queria perdoar, facil e corrente.

Devo observar, antes de tudo, que o historiador Tacito não acceita como averiguados todos os factos e imputações que se lhe apresentam contra Tiberio. Fazendo uso da mais severa critica, admitte sómente o que assenta em testimunhos acceitaveis, ou o que a razão mais apurada não rejeita.

No cabo de nove annos de governo principiou Tiberio a mostrar-se mais cruel e a animar a crueldade dos outros. A explicação d'este facto consiste em que, a esse tempo, estava já desembaraçado de todos os competidores que podiam aproveitar-se das suas faltas, e não tinha mais a quem temer ou respeitar. Haviam já desapparecido da terra Germanico e a sua familia, Livia e Sejano; e não mais era necessaria a dissimulação.

Cresciam de dia em dia as delações, e se tornavam mais funestas, sem ser possivel impedil-as.

Tendo creado aborrecimento á cidade de Roma, foi viver na Campania, declarando por um edicto que ninguem o fosse interromper no seu socego, e dando ordem aos soldados para afastarem d'elle o numeroso povo que o vinha procurar. Tomou por fim aversão profunda aos municipios, ás colonias, a tudo o que era continente, e lá foi esconder-se na ilha de Capri, em busca da solidão e da seguridade, pois que n'aquella ilha ninguem podia desembarcar sem ser desde logo conhecido.

Mostrára-se no principio do seu governo incançavel na applicação aos negocios; mas nos ultimos annos, e principalmente na ilha de Capri, entregando-se a tenebrosos prazeres, pareceu determinado a engolpharse n'uma ociosidade cruel.

[1] Para dar aos meus enunciados a maior authenticidade, tenho diante de mim os *Annaes* de Tacito, e sirvo-me, pela maior parte, da versão portugueza de José Liberato Freire de Carvalho (Paris, 1830).

Ociosidade cruel? Sim, porque de dia em dia se lhe apurou mais e mais o caracter suspeitoso e credulo, que Sejano tão habil como infamemente explorára. Em uma carta que Tiberio escreveu ao senado, agradecendo-lhe o castigo de Ticio Sabino, dizia «que a sua vida andava em perigo; e bem sabia que os seus inimigos lhe armavam traições.»

A perfidia exercitada contra aquelle Ticio Sabino é o *supra summum* dos manejos traiçoeiros. Delatores vis e infames foram espreitar uma conversação entre elle e um falso amigo, tambem delator, collocando-se entre o tecto da casa e o forro do aposento. A este proposito diz Tacito: «Nunca sentiu Roma tamanho horror nem concebeu tantos sustos como n'esta conjunctura; vendo-se cada um obrigado a desconfiar e a acautelar-se de quantos se lhe aproximavam; a fugir de todos os ajuntamentos e de todas as conversações; e a evitar tanto os conhecidos como os desconhecidos! Os proprios objectos inanimados e mudos causavam receio e pavor; e para se poder contar com alguma segurança, era até preciso examinar escrupulosamente os tectos e as paredes das casas!» (Liv. IV. LXIX.)

Pois bem! Tiberio tem encontrado panegyristas; e ainda ultimamente um escriptor allemão se esforçou pela rehabilitação d'aquelle imperador, diligenciando reconcilial-o com a opinião publica!

Um bello trabalho de mr. Gaston Boissier, que tem por titulo: *Étude de mœurs romaines sous l'empire. Les délateurs*, deu-nos o conhecimento de que o sr. Adolpho Stahr, escriptor muito conhecido do publico allemão, retomára a defesa de Tiberio em um elegante e muito habil livro.

Vou ver se, muito em resumo, aponto a principal argumentação do escriptor allemão e a resposta que póde dar-se-lhe.

Depõe a favor de Tiberio o facto, confessado por Tacito, de que no governo d'aquelle foram felizes as provincias, e o imperio se conservou tranquillo e respeitado. Se, pois, sómente os habitantes de Roma se queixam de Tiberio, não se deve fazer caso de suas queixas. A sorte de quinhentos ou seiscentos mil individuos não póde pôr-se em balança com a sorte de todo o universo.

A isto responde mr. Gaston Boissier triumphantemente, observando que o regimen de liberdade municipal, e não o governo de Tiberio, de Caligula, de Nero, foi quem poupou ao mundo os soffrimentos da cidade de Roma. E note-se que a differença allegada de população é argumento sem força para este caso; bastaria que os seiscentos mil individuos fossem infelizes sob o governo de Tiberio, para que logo votassemos á execração o tyranno. Mas a verdade está em que a cidade de Roma não era uma cidade ordinaria no imperio romano, era a cabeça e o coração do mundo inteiro d'aquelle tempo; não vivia só per si e para si. O que succedia em Roma não era indifferente para os demais municipios do imperio. A Roma vinham todos os personagens illustres das provincias, todos os homens de letras, todos os amigos das bellas artes, todas as pessoas que tinham negocios na corte, na metropole, no centro e no foco de toda a vida do mundo.

O escriptor allemão quer que o verdadeiro Tiberio seja o dos primeiros annos, e qualifica de ruim psychologo Tacito, que não conhecia a natureza humana. Tiberio era *uma bella e nobre natureza*, que não se deixaria arrastar aos horrores a que se entregou: os homens e as circunstancias foram quem o fez mudar.

A resposta a esta ponderação é facil.

Tiberio não era louco, como Caligula; parvo, como Claudio; maniaco, como Nero. A sua razão manteve-se firme no meio dos maiores excessos; mas o seu coração foi sempre mau.

Os contemporaneos caracterisaram-n'o de um modo muito significativo: *tristissimus hominum* (homem sombrio, carregado). Nasceu mau, e o imperio acabou de o corromper: *vi dominationis convulsus*. «O despotismo (observa finamente mr. Boissier) é tão perigoso para aquelle que o exerce como para aquelles que o soffrem.»

E aqui peço eu licença para recorrer mais de espaço ao meu querido Tacito, que me explica de um modo cabal as coisas.

«Gozou Tiberio (diz Tacito no epilogo da vida d'este imperador) grande fama, e pareceu irreprehensivel em quanto foi homem particular, e executou as commissões dadas por Augusto. Mostrou-se muito recatado, e fingiu-se amigo das virtudes em quanto existiram Germanico e Druso. Na vida da mãe foi um misto de boas e perversas qualidades. No tempo de Sejano, a quem amou ou temeu, tornou-se execravel pelas suas crueldades, porém, ao menos, ainda encobria as suas obscenidades. A final desmascarou-se, e deu-se a todos os crimes e torpezas, quando já, sem pejo e sem medo, seguia livremente o seu genio.»

Não está aqui bem explicada a mudança que se suppõe impossivel? Não estava d'antemão prevenida a objecção nas considerações e factos que antes apresentámos?

Bella e nobre natureza!... Um dia, no senado, tratava-se de abolir os premios dos accusadores (delatores, denunciantes), quando os réos de lesa-magestade se matassem primeiro do que se lhes désse a sentença. Ia já a decidir-se este ponto em tal sentido, quando de repente se levantou Tiberio, e, mal podendo conservar a costumada mascara de hypocrisia, começou a advogar abertamente a causa dos delatores, «queixando-se de que com uma tal decisão se quizesse perder a republica e as leis que a mantinham, porque seria, na verdade, perdel-as o não premiar aquelles que tanto concorriam para a sua conservação.»

E agora ouvi a observação do honrado Tacito:

«Assim os delatores, essa especie de homens que só de proposito parece ter sido inventada para gerar calamidades e publicas desgraças, e a quem os maiores castigos nunca poderam cohibir, ganhavam agora uma nova existencia pelas recompensas que recebiam.»

No systema dos rehabilitadores, as victimas de Tiberio são as responsaveis pela sua crueldade.

N'esse systema incrivel, tinha Tiberio razões para detestar os homens, em presença das conjurações que o ameaçavam, dos perigos em que passava a vida, das traições dos seus parentes, da solidão em que se finou.

Como assim? Reparae que as conjurações, pela maior parte, não existiram senão na imaginação dos delatores; e as que não foram imaginarias eram formadas e fomentadas pelos provocadores agentes do principe, no intuito de poder elle attingir os individuos a quem desejava ferir.

Se viveu por alguns annos na solidão de Capri, se n'aquelle deserto rochedo envelheceu e se finou... de quem foi a culpa? Do proprio Tiberio.

De vinte senadores, como refere Suetonio, que Tiberio escolheu para formarem o seu conselho privado, por fim existiam apenas dois ou tres; os demais tinha elle mandado matar!

Certamente, é infame a solicitude dos delatores, e infame tambem a subserviencia e vil resignação do senado. Mas quanto mais servis eram aquelles e este, menos devemos suppol-os capazes de fazer outra coisa que não fosse o que o imperador, o amo queria. Um principe tão temido, um principe tão facil e pontualmente obedecido... podia muito bem deter com uma só palavra, por meio até de um aceno, aquelles miseraveis. Obrando como obravam, cumpriam as ordens formaes, ou obedeciam aos desejos secretos do tyranno; de sorte que a responsabilidade de todos os crimes recae, com toda a justiça, sobre aquelle que os ordenou ou inspirou.

Basta. A rehabilitação de Tiberio é insustentavel.

Lastimemos a degradação a que chegou a humanidade no tempo d'aquelle tyranno, tão cruel como desprezivel; e agradeçamos á Providencia a grande fortuna, que é dado antever, de que jámais os povos terão que soffrer um tão detestavel e execrando governo.

José Silvestre Ribeiro.

SCIENCIA POPULAR

OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

(Vid. pag. 322)

Desnecessario é descrever o machaon. Todos o conhecem. Todos o tem visto voar nas campinas, e poisar nas ombelliferas, nas luzernas, nos trevos em flor. Todos tem admirado o seu garbo, o seu corpo gentil e airoso, as suas azas anteriores arraiadas de amarello e negro, e as azas posteriores ornadas de uns renques successivos de manchas azues tirante para escuro, como a côr do ceo, proximo do horisonte em vasta planicie, por horas mortas da noite.

O machaon apparece duas vezes no anno. Vem nos primeiros dias de maio, como que para visitar os seus dominios, desapparece logo, e breve volta, no principio de julho, mais accrescentado em formosura e bellezas, mais loução e ufano, volitando pelas flores, discorrendo pelos prados que ainda reverdejam, poisando nas papoilas rubras que crescem nas searas.

Não é raro encontrar, durante os mezes de junho e setembro, uma lagarta muito formosa, de quatro a cinco centimetros de comprimento, adherente ás folhas das ombelliferas.

Esta é a lagarta do machaon. De côr verde claro e brilhante, é formada de anneis negros e aveludados, tauxeados de vermelho.

Quando a lagarta está desprecavida e repasta a parte carnosa da planta, nenhum signal caracteristico a distingue; mas se algum imprudente acerta de a perturbar, ou se algum inimigo tem o louco ousio de a atacar, bem póde fugir, porque o animalsinho, sem mais tir-te nem guar-te, arremette com um rostro ou tentaculo em fórma de chuço ou forcado, que se implanta entre a cabeça e o primeiro annel cervical. Arma terrivel é esta certamente, e que dá á lagarta horrendo aspecto e feroz catadura. Mas vá-se lá a gente fiar de apparencias! Aquella arma, perante a qual fogem imprudentes inimigos, é inoffensiva como o cabo de uma roca em mãos octogenarias. A pobre lagarta, que, apesar da feia carranca, tem os mais pacificos instinctos, é completamente indefesa, e o tentaculo, molle e quasi inerte, não ejacula peçonha, antes leveda apenas uma humidade, cujo cheiro não se assimilha aos perfumes da Arabia.

Tem a lagarta do machaon uma cabeça pequena e pouco adherente. Nutre-se o insecto de folhas herbaceas, porque as suas mandibulas são fracas, sem rebordo dentado. O labio superior é chanfrado, posto que não fendido, o que mostra que o animal apenas roe folhas muito pequenas ou reduzidas a fragmentos.

Os quatro pés membranosos da lagarta são como os da larva que sobe pelos caules herbaceos. Estes pés terminam por alguns espinhos no bordo interno, ao passo que o bordo externo é apenas guarnecido de pellosinhos, que tornam muito sensivel o tacto.

Attentando bem nos appendices da larva, conhecemos logo qual o seu especial emprego, e a comparação com as especies proximas transforma a previsão em certeza. É assim que a sciencia tem auferido admiraveis resultados da anatomia e physiologia comparadas.

Na Carolina, Luisiania e Virginia ha uma borboleta de cauda *(papilio asterias)*, cuja lagarta, bem como a do machaon, vive sobre as ombelliferas. As partes da boca e os pés são similhantes. Nos mesmos paizes encontra-se no loureiro a lagarta de uma especie proxima *(papilio troilus)*. Tem um labio mais fendido, mais tortos os espinhos dos pés membranosos, por isso que o vegetal aonde mora tem a casca mais dura. Em Bengala ha outra borboleta analoga *(papilo hector)*, de azas negras, aveludadas e azebradas de branco e vermelho. A lagarta d'este lepidoptero tem um capacete muito resistente, um labio profundamente chanfrado, mandibulas fortes terminadas por dentes de serra, pés membranosos com pellos grossos, robustos e em grande numero. Esta especie trepa por caules lenhosos, e sustenta-se de folhas muito duras e coriaceas.

V

Na familia dos papilionides ha alguns generos proximos do machaon, e que, por muitos respeitos, convem que digamos d'elles algumas palavras: taes são os *ornithopteros*, os *thais* e os *parnassius*.

Os ornithopteros são uns insectos magnificos e esplendentes. Vivem nos archipelagos afortunados de Sonda, Molucas e Filippinas. O corpo d'estes insectos é desmesurado, muito compridas as azas anteriores, denticuladas as posteriores, sem vestigio de prolongamento ou cauda.

Quem visitar a ilha de Amboine fica admirado e como que fascinado perante o espectaculo grandioso d'aquella natureza opulenta e luxuriante. As arvores crescem e topetam com as nuvens. Parecem immensas columnatas dispostas caprichosamente n'aquella espessura emmaranhada, para sustentarem nos capiteis de verdura o firmamento eternamente azul e limpido. As aguas serenas e cristallinas do mar deixam entrever os profundos seios habitados por multidões de peixes luzentes. Os passarinhos de plumagem esplendida gorgeiam na ramaria ou roçam com as azas as aguas das montanhas, que se desatam em cascatas e cachoeiras.

Tudo é maravilhoso e admiravel n'aquellas paragens edenicas. Pois se o viajante, cercado de tantos esplendores, acerta de topar o ornithoptero priamo, fica pasmado e absorto ao ver tanta formosura, côres tão vivas e brilhantes, porte tão augusto, tanta graça e magestade, e um esvoaçar tão encantador.

O ornithoptero priamo mede quinze a vinte centimetros, de azas abertas, que são retintas de um negro azulado, cambiado com verde esmeralda e verde glauco do mais artistico effeito.

A femea d'este insecto excepcional é maior do que o macho; mas tem menos donaire e formosura, e as azas são brancas e pardacentas.

No começo da primavera, quando a seiva começa de irromper pelos vasos e as arvores se enchem de folhas verdejantes, todos vemos, no sul da Europa, volitar uma borboletasinha lindissima, de tamanho mediano, azas delicadas, deliciosamente afestoadas, arraiadas ou lisonjadas de vermelho e negro em fundo amarello, e orladas de um listão escuro em fórma de grinalda.

Estas borboletas denominam-se thais.

As lagartas d'estes lepidopteros tem o corpo revestido de tenues tentaculos coroados de uns pellosinhos, e os pés são membranosos, armados de garras.

Os parnassios preferem as altas montanhas e distinguem-se pela robustez do corpo. Tem as antennas curtas, aduncas e fortes, as azas rigidas como uma folha de pergaminho. Nos Alpes, Jura, Pyrenéos, Caucaso e Serra Nevada apparece no estio o parnassio Apollo, cujas grandes azas brancas, semi-transparentes, serapintadas de negro e ornadas de zonas vermelhas com orla negra pupillada de branco, dão-lhe um aspecto singular e extraordinario.

A lagarta d'este insecto, negra, aveludada, tendo uns mamillos azulados com pontos alaranjados, sustenta-se de saxifragas e cranuleaceas, e outras plantas montesinhas.

Quando está prestes a transformar-se em chrysalida, mette-se em um casulo de fio de seda, onde se prende pela extremidade do corpo.

No Himalaya, nas montanhas de Nepaul, Siberia e Kintchatka, e nos montes penhascosos, tambem se encontram parnassios que pouco differem dos primeiros. Taes lepidopteros, esparsos pelo mundo, acampados em pequenos tractos, estão mostrando talvez que a sua origem é post-diluviana, por isso que as fórmas caracteristicas e feições distinctivas são parallelas.

A maioria das crysalidas dos lepidopteros diurnos são nuas; outras, porém, envolvem-se n'um redenho, segundo as circunstancias climatologicas.

Dá Deus a roupa conforme o frio, é lei que os insectos, mais sabios que os homens, estão applicando quotidianamente.

A faculdade que os animaes inferiores tem de se transformarem conforme as circunstancias em que vivem, é uma das maiores maravilhas da creação.

Ao passo que os animaes superiores só se modificam depois de seculos de lucta, e nunca perdem os caracteres pronunciados, os seres classificados no infimo da escala zoologica, longe de resistirem a essas circunstancias exteriores muito poderosas, obedecem a ellas e tratam de as aproveitar para utilidade propria.

Decididamente, a philosophia e a sabedoria ninguem a procure senão nos pequenos. Todos os animaes nos estão constantemente ensinando. Ha seculos que dura este ensinamento, e, todavia, a loucura humana não diminue, antes cresce com uma falsa prosapia de falsa nobreza, de que os animaes muito se ririam, se elles não tivessem por melhor tratar da propria conservação.

Para terminar o primeiro grande grupo dos lepidopteros diurnos, ou de azas sem freio, nomearemos uma familia muito numerosa, cujas lagartas não possuem, como as anteriores, um tentaculo bifido e retractil.

Esta familia é a das *pierides*, ou *brancas danaidas* de Linneo, que o vulgo denomina borboleta da couve, por isso que as suas lagartas sustentam-se das folhas das cruciferas e familias naturaes proximas.

O genero das pierides é muito numeroso. As especies que o compõem andam espalhadas pelas regiões intertropicaes da Asia, Africa e Australia, com quanto na Europa vivam algumas.

O typo do genero é a borboleta da couve, que na estação das flores, quando começam os primeiros arreboes de primavera, vôam em todos os jardins e campinas da Europa, na Asia menor, Egypto, Africa septentrional, Siberia, montanhas de Cachemira, Nepaul até aos confins do Japão.

A lagarta da couve, não contente com dominar tão grande tracto do mundo habitado, declarou guerra cruel aos jardins, hortas e pomares, e se não fôra um insectosinho humilde, denominado *Mycrogaster glomerator* (hymenoptero), a couve desappareceria da face da terra; tal é o appetite roaz das lagartas.

Todos conhecem esta lagarta. Todos a tem visto trepar pelas paredes a fim de escolher um ermo propicio á sua transformação em chrysalida.

Esverdeada e ornada de tres listões longitudinaes amarellos, interrompidos por tuberculos ganglionares de côr negra, encontra moradia e repasto farto nas folhas carnosas e largas das couves.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.